

Dúvida Externa ☐ & NEGÓCIOS ☐ Bancos fixam princípios para negociação

Em documento que entregou a Dauster, comitê rejeita a capitalização de juros

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — "A proposta inicial do Brasil não representa uma base para negociação", afirmaram os bancos credores num comunicado de uma página entregue ao negociador da dívida, Jório Dauster, sexta-feira. O documento estipula "os princípios" a serem observados para que entendimentos e pede uma ação imediata para regularizar os pagamentos dos juros vencidos e a vencer. "Qualquer proposta que simplesmente capitalize os juros é inaceitável", diz o documento.

Ontem, contudo, ao divulgar seu balancete do terceiro trimestre, o Citicorp, que preside o comitê, informou seus acionistas que "o Brasil começou a negociar". Um porta-voz do banco disse que a discrepância entre as duas declarações é irrelevante e notou que, em qualquer hipótese, os dois lados estão negociando pelo menos sobre o que negociar.

William R. Rhodes, o executivo do Citicorp que supervisiona o comitê, disse ao *Estado* que espera retomar o contato com Jório Dauster, por telefone, na semana que vem, depois que os 22 bancos do comitê relatarem aos demais credores os resultados do encontro realizado na semana passada com o governo brasileiro e um grupo de economistas dos bancos visitar Brasília para discutir os números que deram origem à proposta brasileira.

Uma das diferenças que eles pretendem verificar é o do tamanho da dívida externa do setor privado, que o governo quer excluir da reestruturação da dívida. Os representantes brasileiros estimaram essa parcela da dívida em US\$ 9

bilhões. Os credores acreditam que a cifra real não chegaria a US\$ 4 bilhões.

Os economistas do comitê deverão também contestar a metodologia usada pelo governo para estimar o saldo fiscal do orçamento federal. De acordo com a explicação dada pelas autoridades brasileiras aos bancos, a capacidade do País de pagar a dívida externa do setor público será condicionada não mais pela falta de divisas, mas sim pela falta de cruzeiros. As projeções oferecidas aos credores na semana passada revelam uma capacidade de pagar no ano que vem, por exemplo, não mais do que US\$ 1 bilhão aos bancos. "É muito difícil ser tão científico e preciso assim nesse tipo de projeção", disse um economista que participou das reuniões com o governo, na semana passada. Ele disse duvidar que o Fundo Monetário Internacional aceitará a conta brasileira.

No Fundo, a proposta brasileira aos bancos não foi bem recebida. Fontes da instituição indicaram que o acordo que o governo negociou com a instituição continuará congelado.

"O governo não teve problemas para encontrar os cruzeiros usados para comprar os dólares que a Petrobrás e a Vale do Rio Doce usaram para fazer operações de recompra de dívida nas últimas semanas. Isso foi tomado como um insulto pelos bancos", disse um executivo do comitê.

O total de pagamentos que o Brasil ofereceu aos bancos no ano que vem representa cerca de um sexto do total estimado da conta de juros, de US\$ 6 bilhões. Apontando um possível caminho para um início de entendimento, uma fonte financeira disse que o comitê chegou a sugerir, nas conversas da semana passada, que o País comece a pagar um terço dos juros que deve. O pagamento de um terço dos atrasados foi a base da negociação que levou à breve suspensão da moratória de 1987.

☐ **Leia a íntegra do documento dos bancos na página 4.**